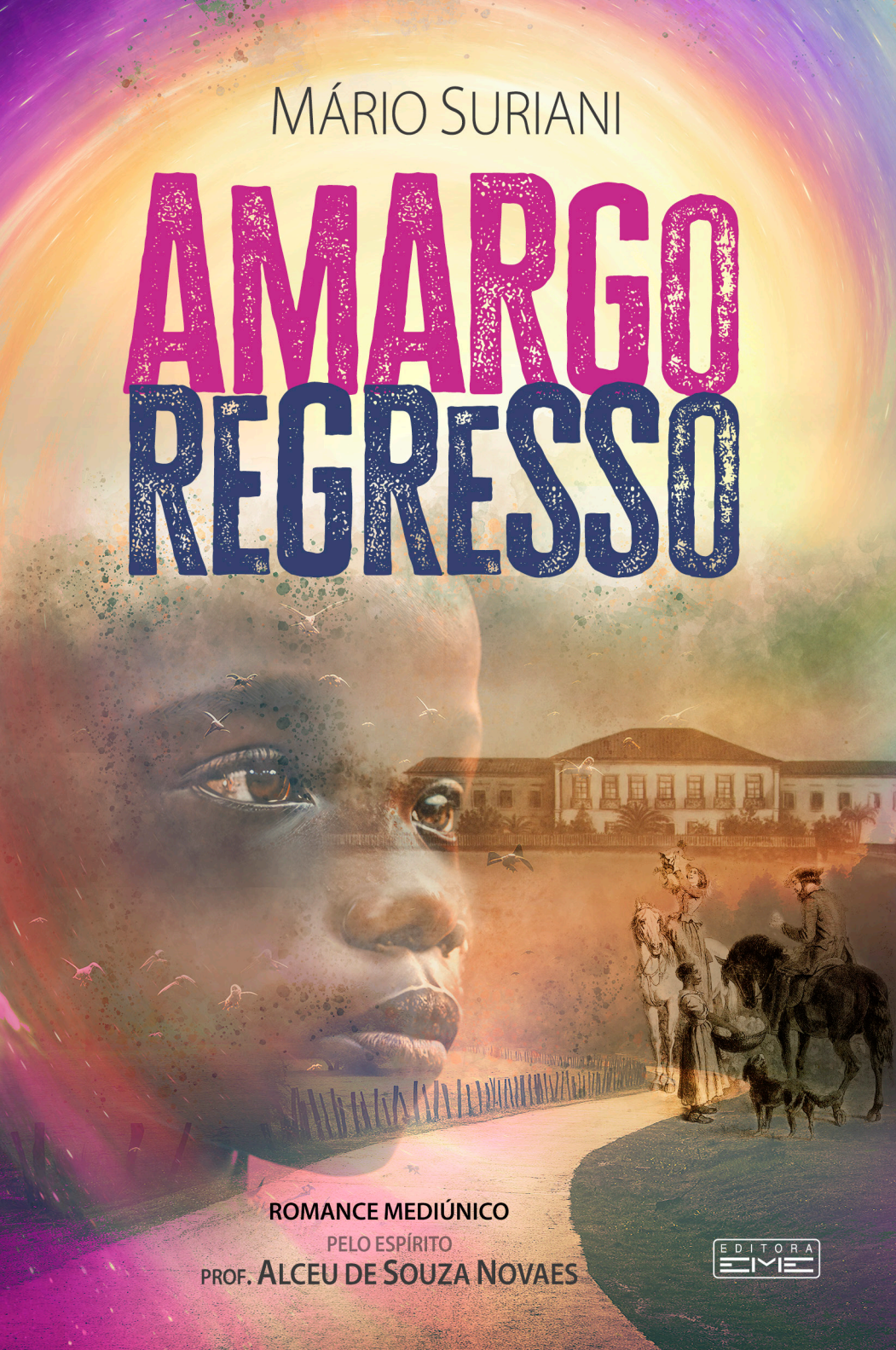
MÁRIO SURIANI

AMARGO REGRESSO



ROMANCE MEDIÚNICO

PELO ESPÍRITO

PROF. ALCEU DE SOUZA NOVAES

EDITORA EME

Alceu de Souza Novaes exercia o magistério primário em uma escola particular de Uberaba, MG.

Depois de sua desencarnação, foi acolhido na vida espiritual pelo protagonista da história deste livro, Sebastião, e, com o tempo, passou a colaborar com ele em seus projetos socorristas a espíritos necessitados de ajuda. Sebastião, em sua existência anterior com o nome de Paulo, dá-nos a ideia do quanto representam os prejuízos causados pela omissão.

Após sua morte, Paulo avaliou a situação que poderia ter evitado se tivesse agido mais assertivamente e solicitou chance de reencarnar.

Os pormenores deste *Amargo regresso* nos servem como alerta: agindo no bem, automaticamente colheremos o bem. Agindo contrariamente às leis de igualdade e fraternidade, longo poderá ser o caminho na escada da redenção.



AMARGO REGRESSO

EDITORA EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.
E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição
EDITORA EME
Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080 – Vila Fátima
CEP 13369-040 – Capivari-SP
Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449
Vivo (19) 9 9983-2575 | Claro (19) 9 9317-2800
vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

MÁRIO SURIANI

AMARGO REGRESSO

ROMANCE MEDIÚNICO

PELO ESPÍRITO

PROF. **ALCEU DE SOUZA NOVAES**

Capivari-SP
– 2023–

© 2023 Mário Suriani
Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita "Mensagem de Esperança" e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição – janeiro/2023 – 3.000 exemplares

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: André Stenico
REVISÃO | Rosângela Borges de Lima

Ficha catalográfica
Novaes, Alceu de Souza, (Espírito)

Amargo regresso / pelo espírito prof. Alceu de Souza Novaes; [psicografado por] Mário Suriani – 1ª ed. jan. 2023
224 pág.
ISBN 978-65-5543-087-5
1. Romance mediúnico 2. Escravidão no Brasil 3. Lei de ação e reação I. TÍTULO.

CDD 133.9

AGRADECIMENTOS

A TODOS AQUELES que trabalharam para que esta obra viesse a público. Minha gratidão é maior ainda ao espírito que confiou a mensagem a nós – médium, editor, revisor, divulgador. Agradeço, enfim, a cada um que de certa forma contribuiu com sua vibração positiva para que os leitores pudessem conhecer uma triste, porém exemplar história, cujo protagonista teve a humildade de revelá-la a mim. Sebastião, a você, meu muito obrigado!

E não posso deixar de agradecer imensamente a duas pessoas em especial.

Primeiramente, ao insigne professor Alceu de Souza Novaes, que nos premiou com sua bela e cativante narrativa. Não tive o prazer de conhecê-lo em vida, mas, nos últimos cinco anos, descobri fatos interessantes que ligam nossas trajetórias. Quando se busca o conhecimento com determinação e discernimento, não é preciso morrer para descobrir tantas "coincidências". E é com essa perspectiva que agradeço profundamente à pessoa que despertou meu potencial nesse sentido:
Margareth Pummer, minha mentora encarnada.

DEDICATÓRIA

O TREM PAROU numa estação chamada Firpavi. Subiu uma mocinha dos seus 14 anos de idade. Bonita! Nossos olhares se cruzaram. Nos meus 20 anos de idade, pensei: "Será ela?". Claro que a convidei para sentar-se ao meu lado. Fiz isso antes que alguém o fizesse. Não acredito nessa história que o mundo é dos espertos, mas com certeza dos mais rápidos e inteligentes.

E assim nossa viagem prosseguiu com paisagens bonitas, noutras vezes vinham as tempestades, mas logo passavam e dessa forma estamos há 47 anos nessa viagem do trem da vida.

A ela, **Marilene Santos Suriani**, dedico esta obra por me ajudar a vencer os desafios naquilo que nos comprometemos ao longo de nossas existências de espíritos imortais.

SUMÁRIO

Prefácio 11
Capítulo I
Fazenda Pombal 15
Capítulo II
Novos habitantes 19
Capítulo III
André 23
Capítulo IV
Reencontro de almas 27
Capítulo V
Primeiros planos 33
Capítulo VI
Tobias 41
Capítulo VII
A volta de Matias 51
Capítulo VIII
Jogando com as vidas 59
Capítulo IX

Veneno até nas plantas 67
Capítulo X
Primavera irrequieta 77
Capítulo XI
Vidas em conflitos 85
Capítulo XII
Amanhecer violento 93
Capítulo XIII
O jogo não acabou 103
Capítulo XIV
De volta à Pombal 115
Capítulo XV
Caçada implacável 125
Capítulo XVI
Rastros de ódio 135
Capítulo XVII
Meu ódio será sua herança 143

Epílogo 157

LIVRO 2 165

O despertar de um espírito 167
Viagem fantástica 175
Contando os dias 183
O alquimista 191
A volta 203
No palácio imperial 211
Palavras finais de Sebastião 217

Palavras do médium
Detalhe de uma mensagem 221

PREFÁCIO

Esta obra é um tratado de como a desídia pode nos afetar durante séculos, prendendo-nos a um mundo de sofrimentos quando poderíamos trabalhar e habitar mundos felizes.

O comportamento do protagonista desta história, o espírito Sebastião, em sua existência anterior com o nome de Paulo, dá-nos claramente a ideia do quanto representam os prejuízos causados pelos atos de omissão.

É comum as pessoas se justificarem de erros dizendo: "Eu não minto, apenas omito.".

Está claro que erros por omissão são tão graves quanto mentiras.

E ainda com o agravante de se pretender mascarar uma falha agindo-se de forma premeditada.

Evidentemente não estamos aqui falando de uma pessoa omitir um fato irrelevante a fim de não causar sofrimentos desnecessários.

O que é tratado nesta história – e louve-se a humildade do protagonista em reconhecer os erros e estar trabalhando para repará-los há dois séculos – é uma das questões-chave

de *O Livro dos Espíritos*, em que Allan Kardec pergunta aos espíritos superiores se o simples fato de o homem não fazer o mal já seria suficiente para ter ele uma vida correta na Terra.

A resposta do Espírito da Verdade é límpida:

– Não. É preciso fazer todo o bem necessário. E ainda acrescenta: "Cada um responderá por todo o mal decorrido em função de sua omissão.".

Dessa forma, deixamos aos nossos leitores uma história para uma boa reflexão, lembrando que o maior crime, a mais cruel e injusta falta cometida contra uma pessoa no planeta Terra foi aquela gerada pela omissão de Pôncio Pilatos.

Conheço o espírito Sebastião há muitos anos, e sua história me comoveu a cada detalhe contado por ele ao longo de nosso convívio.

Fui acolhido por ele logo após meu processo de desencarnação da última existência na Terra, há quase 60 anos e desde aquela época trabalho com ele em seus projetos socorristas, principalmente a todos aqueles espíritos participantes desta história.

Desde então, lado a lado com esse ser que é um exemplo de dedicação e altruísmo, sinto-me honrado e agradecido por participar do processo que deu origem a esta história, uma vez que os fatos em si ocorridos na primeira metade do século XIX ainda trazem muitas dores ao sensível e bondoso espírito Sebastião.

Espero que esta narrativa tenha retratado fielmente o ocorrido nas Minas Gerais naquela oportunidade, conforme relatos que vim ouvindo de Sebastião e registrando ao longo dos últimos anos.

Que a leitura deste livro possa auxiliar na transformação moral de todos aqueles que dele tomarem conhecimento.

Alceu de Souza Novaes

CAPÍTULO I

FAZENDA POMBAL

VIVÍAMOS O FINAL do primeiro quarto do século XIX.

Os irmãos da mãe África chegavam contínua e interminavelmente à terra do Cruzeiro do Sul.

Infelizes e desterrados de suas origens, vendidos por seus próprios irmãos, separados dos entes queridos, choravam a ausência da terra-mãe .

Por sua vez, o Brasil vivia agitados tempos do período de pós-independência de Portugal, ainda tentando consolidar um vasto império sacudido por incontáveis revoluções de norte a sul do novo país. A economia por essa época estava totalmente assentada no desumano trabalho escravo.

Paulo, rico fazendeiro, não era de todo mau; todavia, era omisso nas situações em que deveria agir com sensatez e equilíbrio. Tendo conhecimento a respeito da forma como eram tratados seus escravos, acabava esquivando-se,

deixando tudo sempre aos cuidados do cruel e insensato feitor Matias.

Matias fora conduzido ao cargo por interferência ainda do pai de Paulo. De caráter maldoso, o velho Jerônimo escolhia a dedo seus mais diretos auxiliares. Quanto mais duro e desumano, maiores eram as chances de ser guindado aos principais postos na direção da fazenda.

E, tão logo o velho Jerônimo fechou os olhos para sempre, Paulo assumiu, ainda jovem, o comando da propriedade deixando seguir o estilo de seu pai, ou seja, aqueles homens que foram de confiança total de Jerônimo continuaram a comandar a Fazenda Pombal.

Para a infelicidade completa dos trabalhadores, se houve mudança, esta foi para pior.

A frustração era grande porque havia uma esperança no seio da comunidade escrava, uma vez que o jovem Paulo sempre se mostrara dócil com os escravos, no que era repreendido duramente por Jerônimo. No leito de morte, o infeliz moribundo praticamente passou aos cuidados de seus administradores todo o caminho a seguir, advertindo Paulo que, se assim não fosse, este poderia perder tudo que ele, o pai, tinha conseguido.

Dessa forma, Paulo não teve a iniciativa e a força de caráter suficiente para mudar aquele quadro.

Tinha em Matias o homem de confiança; todavia, seu feitor era temido até por proprietários de fazendas vizinhas. Não titubeava em castigar os pobres negros até por simples

capricho. Além disso, ai daquela mocinha que fosse atraente. Matias abusava de todas aquelas que tivessem a infelicidade de agradar-lhe os sentidos brutos.

Os dias eram, assim, de muito medo e revolta, sob o conhecimento e a concordância de Paulo.

Naquela tarde fria do outono de 1825, chegavam novos escravos, que marcariam a história da Fazenda Pombal a ferro e sangue.

Entre essas pessoas, uma mulher seria o pivô de tudo: Maria Auxiliadora; esse é o novo nome recebido em terras brasileiras.

CAPÍTULO II

NOVOS HABITANTES

Os escravos que chegavam à Fazenda Pombal vinham em grande parte de negociações entre os grandes e pequenos proprietários da região das Minas Gerais.

Alguns eram adquiridos no mercado de escravos do Rio de Janeiro ou de Salvador, mas o custo e o risco no transporte com exposição aos ataques de fugitivos que habitavam quilombos eram fatores a considerar.

Assim, ocorriam muitas negociatas em que os devedores pagavam seus débitos repassando escravos. Esses que chegavam, agora, vinham de proprietários paulistas. Formavam um grupo heterogêneo em relação à procedência de suas terras de nascimento.

Maria Auxiliadora pertencia à chamada raça negro-mina. Os componentes dessa raça tinham essa denominação por serem embarcados na feitoria de São Jorge da Mina, atual Gana, cidade de Elmina. Eram trabalhadores muito utilizados na mineração.

Essa escrava era de uma beleza rara. Filha de um português com uma habitante de uma nação africana, herdara a beleza da mãe, combinada com os traços europeus do pai. Viviam muito bem em sua terra, mas as constantes guerras entre as próprias tribos africanas fizeram que fossem derrotados pelos inimigos, e acabaram, como era de praxe, sendo escravizados e vendidos aos traficantes.

Separada de sua família, tornara-se vítima de sua beleza. De caráter fútil, acabara se envolvendo com um dos filhos de seu ex-proprietário, que resolveu vendê-la a preço bem baixo para liquidar pequena dívida e ao mesmo tempo livrar-se do "problema".

Dessa forma, Maria Auxiliadora vinha nesse grupo e, por sorte, passou algum tempo sem ser notada pelo maldoso feitor, algoz de muitas escravas naquela fazenda.

Os dias corriam intranquilos, como ficaram desde a morte de Jerônimo em razão da omissão e conivência do herdeiro, seu filho Paulo.

Matias e seus homens ganhavam cada vez mais ousadia na prática de todo tipo de maldade e até desonestidade, lesando a economia da propriedade. Embora fosse uma pessoa sem marcas de perversidade, Paulo pecava pela falta de pulso.

Entre os escravos que já laboravam ali havia algum tempo destacava-se, como uma espécie de líder, Maurício. Forte, determinado e com uma capacidade elevada de trabalho, nutria pelo feitor um ódio mortal. Aos mais íntimos

chegava a expor suas ideias de fuga, mas com todo o cuidado, pois a grande maioria era dominada pelo medo, com toda razão, pois uma tentativa de fuga frustrada teria péssimas consequências.

As histórias que chegavam de outras fazendas não animavam em nada uma iniciativa dessa natureza. Maurício, de origem banta, viera do Congo e tinha como objetivo primeiro buscar sua liberdade.

Fugir da Fazenda Pombal era quase impossível: a localização não ajudava, pois era cercada por pântanos, encravada num vale, com uma topografia totalmente desfavorável para essa empreitada.

Além disso, era uma população de escravos muito pacífica e de certo modo muito acomodada, na visão de Maurício.

De verdade mesmo, ele podia contar apenas com duas pessoas: Henrique e Pedro, o segundo, banto como ele, que compartilhavam suas ideias.

Havia, no entanto, além desses entraves, o risco que representava o feitor, que poderia facilmente matá-los num castigo no tronco. Outro perigo eram os próprios companheiros, que, com medo de represálias, que indubitavelmente viriam para os que ficassem, poderiam delatá-los, até involuntariamente, fazendo comentários de forma inadvertida, o que com certeza contribuiria para a descoberta dos planos por parte do astuto Matias e de seus comparsas.

Mas a chegada desse grupo era tudo que Maurício precisava para levar adiante seus projetos.

Maria Auxiliadora representava o primeiro motivo.

Escravos fortes, novos e com a mesma sede de liberdade completavam o quadro.

Paulo, complacente como proprietário, seria o fiel da balança nessa disputa.

Tudo dependeria agora de que Paulo tomasse decisões enérgicas, mas que visassem ao bem-estar da propriedade e de seus próprios escravos. Ou que permanecesse como aquela pessoa que não praticava o mal, mas também não fazia o bem necessário.

Estava nas mãos de Paulo o destino de dezenas de vidas.

> Basta ao homem não praticar o mal para agradar a Deus e garantir sua posição no futuro?
>
> – Não, é preciso fazer o bem no limite de suas forças; pois cada um responderá por todo o mal que haja resultado de não haver praticado o bem. (KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Questão 642).

CAPÍTULO III

ANDRÉ

VIVIA NA FAZENDA uma pessoa muito especial, respeitada por todos, que tinha um lugar reservado nas partes logo abaixo da casa grande, onde habitava por decisão de Jerônimo desde muito antes de este morrer.

Tratava-se de André. Já chegando ao meio século de vida, fora no passado o negro de confiança de Belarmino, avô de Paulo.

Filho da negra que cuidava da cozinha, cresceu junto aos familiares dos donos e, devido a sua humildade, inteligência e capacidade de trabalho, era o responsável, à época de sua mocidade e posteriormente na idade adulta, pelos cuidados com o gado.

Assim, crescera junto com Jerônimo, sendo um pouco mais velho que o patrão.

Entre as raríssimas pessoas que poderiam influenciar Jerônimo estava André.

Constantemente o fazendeiro procurava André para conversar em seu quartinho, que ficava logo abaixo da cozinha.

– Sinhozinho, carece dar mais atenção ao menino Paulo no preparo para cuidar de sua fazenda.

– André, você está louco? Tenho saúde e disposição para viver muitos anos ainda, velho!

– Ninguém sabe a vontade de Deus, patrão. Muitas vezes o dia de nossa liberdade está muito mais próximo do que parece.

André tinha uma capacidade moral muito elevada. Tinha sonhos que eram verdadeiras aulas. Sabia, por intuição, que o patrão não viveria mais no corpo físico por muito tempo.

– Deus tem coisa melhor para fazer, meu caro – assim respondia o orgulhoso patrão.

– Jerônimo, nossas vidas têm Quem controla. Os negros lutam pela liberdade, mas a verdadeira libertação quase ninguém percebe.

– Vê-se que a idade lhe pesa na mente, André. Da nossa vida cabe a nós mesmos cuidar. Você é livre. Não há o que temer. Os outros chegam aqui a custo de dinheiro. Esses, sim, não prescindem da liberdade por razão mais que justa: paguei pela vida deles, logo me pertencem. Até Deus sabe disso.

Percebia-se claramente que os interlocutores tinham uma diferença enorme na elevação moral. Não obstante, o destino os colocara lado a lado. Pela visão materialista, Jerônimo era superior a André, mas a realidade era clara: pelas leis do universo, era exatamente o oposto.

André tinha conhecimento de tudo que se passava na propriedade. Todos o procuravam, fosse por dúvidas em determinados serviços, fosse por problemas de saúde, pois era um benzedor muito afamado. Graças à sua elevada conexão com o astral superior, conseguia curas inacreditáveis.

Dos raros habitantes dali que não o aceitavam, um era Matias. De natureza bruta e com os sentimentos entorpecidos pela cobiça e maldade, invejava-lhe a posição de respeito, sem entender como um negro poderia levar uma vida daquelas. Mas quem tinha coragem para discordar de Jerônimo?

Somente o fiel amigo e servidor da infância e juventude do patrão poderia fazê-lo: André.

André angariara de todos a confiança, o respeito e o carinho pela forma com que exercia o amor ao próximo.

Entre os dois, André e Jerônimo, ainda se repetiria por mais algum tempo essa conversa, em que André tentava alertar o patrão sobre a necessidade de preparar o filho para os novos desafios que viriam.

Jerônimo, no entanto, não tinha condições de entender o recado.

– Sinhozinho, conheci seu pai tão bem quanto o senhor. Com que idade ele o colocou na lida?

– Meu pai era diferente de mim, André. Até com os escravos ele era muito conversador. Você sabe disso. Não tem como ser benevolente com essa gente. Paulo puxou a meu pai, o velho Belarmino. Vai demorar muito a amadurecer.

– Engano seu, sinhozinho. Seu pai tinha bondade na alma sem ser conivente com erros. Respeitava sem deixar de perder o controle sobre a situação. Impunha-se pela autoridade sem ser cruel.

– Vê-se que você tem preocupações sem fundamentos. Não queira colocar Paulo em lugar que ele ainda não merece. Vocês ainda vão ter que aguentar este velho Jerônimo por muitos anos – falando assim, deu uma sonora gargalhada e saiu, não sem antes tomar mais um gole do gostoso café que André lhe servia.

Meneando a cabeça, André, sentado em seu toco de madeira, que lhe servia de cadeira, deu uma tragada no inseparável cigarro de palha e ficou a meditar:

"O que seria daquela propriedade quando o verdadeiro patrão fechasse os olhos para sempre?"

Sabia dos desmandos de Matias e temia, com toda razão, pelo futuro do inexperiente e desinteressado Paulo.

Quantas vidas estariam em jogo?

Debalde, tentava intervir em favor de um futuro melhor para tantas almas endividadas pelos caminhos da vida.

"Só Deus mesmo e Nosso Senhor Jesus Cristo", pensava consigo, "para ter compaixão desses seres.".

Jerônimo era muito cabeça dura para enxergar.

CAPÍTULO IV

REENCONTRO DE ALMAS

– Qual é seu nome?

– Maria Auxiliadora, por quê? – respondeu de forma arrogante a mulher que acabava de chegar à Fazenda Pombal. Contrariando o comportamento feminino para a época, a moça mostrava-se soberba, sem um mínimo receio de expor seu caráter esnobe.

– Aconselho a mudar o modo de agir por essas paragens. Negro aqui só tem o direito de baixar os olhos e falar pouco e principalmente nunca formular uma pergunta sequer.

Maurício, o negro corajoso e muito respeitado, falava nesses termos procurando manter sua liderança ali, mas naquele momento estava de certa forma deslumbrado com a beleza da nova escrava. Estava ainda mais satisfeito por ter chegado alguém tão destemido, com uma autoestima muito elevada. "Precisavam muito disso" – pensava ele. Principalmente porque aquele grupo era tão pacato, tão passivo, que

até era motivo de desânimo de sua parte. Pena que para essa finalidade a pessoa em questão era uma mulher; ela acabaria se tornando presa fácil da maldade de Matias. Precisaria ter paciência com ela, mas não queria usá-la porque em seu coração um sentimento forte já despontava. Pela sua própria índole, não afeito a essas coisas do coração, desconhecia que sua interlocutora vinha como uma viajante no tempo, de outras eras, nas quais já tiveram vidas afetivas marcadas pelo sentimento mais profundo do amor.

– Sabe... – disse ela, buscando completar a frase, mas de olhos terrivelmente atraentes e penetrantes, dando a entender pela hesitação que queria saber o nome do moço.

– Maurício – completou, de cara fechada, o rapaz.

– Então, Maurício, costumo não ter medo aonde chego. Sei de tudo isso que você me diz. Não nasci ontem, mas, apesar de minha condição de escrava, confio nas minhas habilidades. Na verdade estou, no momento, na condição de escrava, mas lhe digo que não nasci assim. Faço meu trabalho, sim, como as outras mulheres; não sou louca de afrontar aqueles que detêm momentaneamente nossas vidas, mas tenho consciência do que sou capaz. Eu sei até onde posso ir.

"Arrogante, a moça!" – pensou calmamente o rapaz. Atraído por aquele comportamento tão ousado e admirado pela beleza da mestiça, Maurício sentia ao mesmo tempo que não poderia deixar que se perdesse o respeito e a ascendência que tinha sobre o grupo.

– Precisamos de pessoas com essa forma de pensar por aqui, mas, considerando que é mulher, devo alertá-la que melhor para você seria medir bem o que fala e baixar um pouquinho sua arrogância. Não falo por suposta autoridade, mas, sim, atento ao que vejo há alguns anos nessa fazenda. Temos um feitor que é o próprio diabo na Terra. Para colocá-la no tronco, basta não ir com sua cara.

– Para esse tipo de gente tenho os meus recursos.

– Cale-se! – Maurício entendera a argumentação de forma tão clara e, com a primeira pontada de ciúmes, quase perdeu o controle e esbofeteou a escrava.

– Não me calo, não. Essa é uma condição que não me imponho. Claro que sei o momento e com quem devo assim agir.

Maurício percebeu que era inútil prosseguir e, além de tudo, precisava conquistar a moça por ordem de seu coração. Mesmo não querendo, num primeiro momento entendia que aquela valentia poderia ser usada como uma arma em favor de seus projetos.

Melhor não usar a força agora. Daria linha aos instintos descontrolados da moça.

Precisava ver se isso valeria a pena. Mas sabia que, optando por esse caminho, os riscos se tornariam muito maiores.

Dessa forma, mudou de estratégia modificando o tom da conversa.

– Você, que tem essa ideia tão forte em relação a sua própria independência, nunca pensou em voltar a ser livre?

– Você sabe melhor que eu: nossa liberdade é um sonho quase impossível. Minha nação perdeu a guerra. Meus pais ficaram mortos na minha terra. Não há mais como reaver a felicidade. Aonde chego, uso os recursos que tenho. Visto uma máscara. Assumo outro ser. Jogo o jogo que me propõem.

A moça era demoníaca, e isso mais ainda atraía o desejo de Maurício.

– Você pensa em liberdade? – ela perguntou de forma agora mais amistosa. – Acha porventura que conseguirá algo tão distante de nós quanto a nossa própria terra?

– Fosse para me conformar com isso aqui, melhor morrer não acha? – respondeu Maurício, agora feliz com o rumo da conversa. – Por outro lado, há perigo em qualquer lugar em que se vá. Temos olhos e ouvidos sobre todos os nossos passos.

– Se você pensa em fugir – argumentou a moça – eu lhe digo: não terá vida longa. De onde venho não era muito diferente. Vi muitos morrerem debaixo de castigos que nem quero lembrar.

Maurício, pensativo, não sabia se expunha seus planos. Até onde a mestiça era confiável? Mas seria uma mulher e tanto a quem se associar. Sobretudo porque o coração e o desejo só faziam aumentar o prazer em estar com alguém como Maria Auxiliadora.

Ela também por sua vez sentia algo pelo jovem, mas melhor seria não deixá-lo perceber.

Era nova ali e precisava ir com cautela. Manipulava a todos com quem convivia, e assim uma paixão descontrolada era algo com que pretendia não se envolver por ora. Pelo menos sem antes conhecer o terreno no qual pisava.

Perdera toda a regalia na propriedade anterior por confiar nas pessoas erradas.

Ousada, tinha, naquela oportunidade, a certeza de que sairia da condição de escrava para a de proprietária, mas seu descontrole na língua colocara tudo a perder, e ainda quase fora parar no lugar dos suplícios.

Saíra no lucro, pensava.

Estivera a um passo de conquistar sua liberdade graças aos seus talentos, representados por sua beleza e artimanha.

Agora estava ali, atraída por aquele homem rude, mas seria o melhor caminho?

"Não." – pensava. "Tenho coisas melhores a fazer, preciso conhecer mais a respeito do que acontece neste lugar. Maurício é belo, atraente e pode, sim, ser uma saída. Todavia, melhor me controlar e deixar isso para possíveis trocas futuras.".

Agia assim, sempre com frieza e buscando vantagens no eterno jogo da vida. Então, Maurício disse:

– Aconselho, se é que pretende ouvir alguém que conhece cada palmo deste inferno, a ir com calma. Isso é uma selva. Selva muito pior do que o lugar em que nascemos e habitamos. Lá temíamos as feras brutas, sempre as donas das matas, mas falo com clareza: pior são os seres humanos

que nos dominam. Perdi meus entes queridos também. Tenho saudades de nossa terra, mas se há uma palavra que recomendo é: prudência!

A moça sorriu demonstrando um certo desprezo, mas consciente dos riscos que era uma vida de escravo. Respondeu sem menosprezar:

– Eu agradeço muito e tenho certeza de que trabalharemos juntos como amigos. Não há como ser diferente. Estamos no mesmo barco, meu caro. O que dói aqui – apontou para o próprio corpo e completou, indicando na direção de Maurício – dói aí. Tenha paciência no que pretende fazer, mas fico agradecida pela confiança e orientação. Sejamos amigos. Juntos, poderemos muito mais, concluiu com um sorriso maroto.

O rapaz ficou na dúvida: "Juntos, como parceiros?!" – pensou.

Claro que seria bom, mas ele queria muito mais que uma parceria de negócios.

Lutaria por isso, mas, na sua condição de jovem e impulsivo, percebia que seria uma luta insana para chegar ao topo, pois sabia dos riscos. E ele nem contava com a disputa do maior inimigo: Matias, que ainda não havia entrado no jogo, e o feitor nunca perdia...

CAPÍTULO V

PRIMEIROS PLANOS

PASSARAM-SE 15 DIAS desde a conversa entre Maurício e Maria Auxiliadora.

A vida na senzala teve mudanças significativas.

Com a ausência temporária de Matias, respirava-se uma atmosfera de relativa paz por parte dos escravos.

Sabia-se que ele fora em viagem, a mando do patrão, em busca de mais mão de obra para novos projetos que Paulo tentava realizar, ampliando seus negócios com a aquisição de terras de um proprietário vizinho que pretendia voltar para Portugal.

Maurício já estabelecera contatos bem promissores com alguns dos novos escravos que chegaram. Entre estes destacava-se Fernando, cuja inteligência e senso de liderança muito agradara a Maurício.

Outro de destaque era chamado pela comunidade escrava de Mudo em razão de sua dificuldade em se comunicar

em português. Utilizava-se quase que exclusivamente de sinais, gesticulando muito para expressar suas ideias.

Por outro lado, Maria Auxiliadora se integrara mais ao grupo, afeiçoando-se à escrava Ana, bem mais velha que ela e de muito boa índole. Ana havia perdido uma filha recentemente, bem jovem, vitimada por uma doença imprevista.

As duas, Ana e Maria Auxiliadora, quase que se adotaram mutuamente como mãe e filha, o que viria a ser, para a jovem rebelde, uma contribuição muito grande em favor de sua melhora comportamental.

Matias ainda não percebera a nova escrava, para a sorte de todos.

Nesse clima de certa tranquilidade, a perspectiva dos projetos de fuga por parte de Maurício ganhava cada vez mais corpo.

Assim, reunindo-se aos dois amigos com os quais já contava, Pedro e Henrique, deliberou marcar uma primeira reunião incluindo os dois novos que chegaram.

Evidentemente não seria tão fácil em termos de horário e local.

O rigor na vigilância dificultava sobremaneira essa parte.

Melhor seria aguardar que todos dormissem e num canto afastado da senzala promover o encontro entre os cinco companheiros.

Havia rondas noturnas quase sempre no mesmo horário. Esperaram que passasse o vigilante e a partir daí começaram a debater os planos.

– Mudo – disse Maurício abrindo a conversação – conte-nos como foi sua tentativa de fuga e qual a maior dificuldade encontrada.

– *Fota arma!* – em seu português difícil, completou sua argumentação sinalizando que a ausência de armas de fogo fora fatal para o fracasso.

– Mas isso é impossível mesmo – retrucou o líder.

– *Ondé achar esse arma? Sem esse não consegue fazer fuga* – falou o escravo.

– Se você for esperar por esse recurso, vai morrer na escravidão. Só vemos armas nas mãos dos vigias, e é comum também aos caçadores de recompensa – essa intervenção de Pedro na conversa atirava um balde de água fria nos planos.

– Não é assim também – interveio Maurício. – Nossas armas são aquelas que já temos: enxadas, foices, e com um pouco de esperteza conseguiremos furtar alguns facões com os quais trabalhamos no corte da cana. Isso já é o suficiente. Sonhar com armas de fogo nessas alturas é cancelar nossos objetivos.

– *Mas, Morisso, lá pra frente não ter como enfrentar aquelas que vêm em nosso encarço! Esse foi o motivo que perdemo a fuga.*

Com muitos gestos e demonstrando dificuldades para encontrar as palavras certas, Mudo era bem convincente no motivo que apresentava como justificativa do fracasso.

– Penso – disse Henrique – que Tobias nos será de grande valia.

– Esquece – disse Maurício. – Este já foi bom. Entregou os pontos e poderá até trabalhar contra.

– Não penso assim. Converso muito com ele e, se há uma coisa que posso garantir é a conduta correta daquele homem. De fato, não quer mais se arriscar em fugas e provavelmente não conseguiremos levá-lo, o que é extremamente prejudicial para o nosso sucesso. Porém, ele tem informações indispensáveis que muito nos ajudarão – respondeu Henrique.

– Maurício – interferiu Fernando – por que não? Penso que numa operação dessa jamais poderemos dispensar todo e qualquer auxílio possível. Uma vez que Tobias já passou por essa experiência algumas vezes, é fato que nos será muito útil já que conhece as melhores rotas de fuga. Com certeza, deve conhecer, e muito bem, toda a redondeza que contorna a propriedade.

– Sim, já pensei nisso, mas ocorre que ele hoje está acomodado e sabe que uma fuga fracassada trará consequências nada boas para os que ficam.

– Quanto a isso, Maurício, – atalhou Henrique – fique seguro de que Tobias não é covarde. Trabalhamos juntos há um bom tempo, e conheço bem esse companheiro. Pode não concordar em ajudar, mas tenha certeza de que não é um delator.

– Tudo bem, então prossiga com suas investigações a respeito dele e, já que vocês acham válido, podem convidá-lo a vir com a gente.

– Isso não acredito que fará. Já apanhou demais nas outras fugas. Traz marcas por todo o corpo de cada vez que fugiu e, segundo ele, já desistiu porque afirma que, na idade em que se encontra, não aguentaria metade dos castigos que recebeu em cada fuga.

Enquanto falava, Henrique recebeu um sinal de Fernando para calar-se.

Fernando colocou o indicador sobre a boca e sutilmente mostrou lá fora da senzala um indivíduo que fazia a ronda. Rapidamente todos se deitaram no solo e silenciaram-se totalmente.

O vigilante que fazia a ronda procedia de forma muito relaxada, pois ali quase sempre era o mesmo quadro. Nada acontecia de diferente, o que fazia que agisse maquinalmente. Na rotina do dia a dia, os escravos, exaustos, completamente esgotados pelo dia de trabalho longo e desumano, mal deixavam o corpo cair em qualquer coisa que servia de leito e dormiam de imediato.

Assim, tão rapidamente quanto chegou, o vigia se afastou do lugar.

O grupo se recompôs e continuou o debate:

– Precisamos do maior número possível de informações quanto ao que nos espera lá fora – disse Fernando retomando a palavra. – Maurício é nosso líder e conhece bem as pessoas, mas não conseguiremos nossos objetivos caso não sejamos totalmente unidos.

O líder se sentiu feliz e agradecido pelo modo como o novo companheiro falava. Ficava claro que a ele,

Maurício, cabia a missão de comando. De certa forma, isso vinha até para tranquilizá-lo, uma vez que o novo membro era bem esclarecido e experiente e, num primeiro momento, parecia chamar para si a tarefa de liderar. Percebendo isso, Fernando procurou agir daquela forma ao falar, assim fortalecia o grupo, o que agora era de fundamental importância, pois problemas não faltariam naquela empreitada, e atitudes de melindres ou ciúmes trariam prejuízos a todos.

Administrando a divisão de tarefas, Maurício indicou Henrique para cuidar da estratégia em relação às dificuldades do terreno e, dessa forma, já estava autorizado a desenvolver conversações com Tobias na tentativa de trazê-lo para o grupo ou, na pior das hipóteses, ao menos contar com as instruções do experiente escravo.

Como cabeça do grupo, fato agora bem esclarecido a todos, determinou a Mudo a responsabilidade de providenciar armas, fazendo adaptações do que fosse possível e trabalhando em novas ideias para suprir as dificuldades na falta de armas de fogo.

Pedro seria o responsável para cuidar dos víveres e da água potável, itens indispensáveis para o sucesso do projeto. Teria de ser criativo para não faltar nada e, ao mesmo tempo, ser cuidadoso para não levar peso excessivo.

Para um primeiro encontro, concluíram como satisfatório.

As cartas estavam colocadas na mesa.

O jogo estava começando.

Maurício, que já trocava constantes olhares com Maria Auxiliadora e via com crescente alegria a evolução nas conversas com ela, chegou até a pensar em levá-la na fuga, mas, por medida de precaução, evitou tocar no assunto com ela.

Ainda não tinha certeza do que ia naquele coração tão rebelde da moça.

Além do mais, não era habitual levar mulheres num empreendimento daquele porte. Melhor aguardar e ir com cautela.

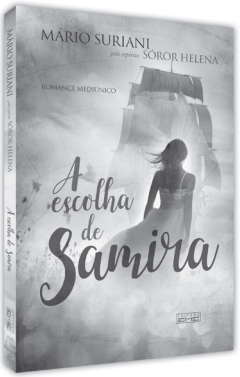
Maurício determinou que cada um procurasse seu local de repouso com os devidos cuidados para não despertar a menor suspeita.

Um novo dia logo estaria despontando no horizonte. Apesar de saberem que seria mais um dia de trabalho duro e de se sentirem exaustos, estavam felizes pelo primeiro passo em busca do sonho de liberdade.

Maurício tinha o cérebro em turbulência.

Inquieto, pensava ao mesmo tempo na fuga, em Maria Auxiliadora, nas lutas, no trabalho pesado. Era muita coisa para relaxar e logo adormecer. O sono tranquilo nessas alturas estava muito distante.

VOCÊ PRECISA CONHECER



A escolha de Samira

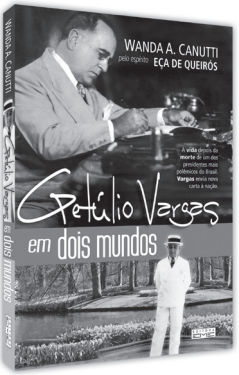
Mario Suriani • Sóror Helena (espírito)

Romance mediúnico • 14x21 cm • 192 pp.

Com apenas 16 anos, Samira se submete a um casamento sem amor com um homem rude e grosseiro e após quatro longos anos é abandonada com três filhos. Foi submetida a todo tipo de sofrimento.

E quando, enfim, parecia estável, eis que ela se surpreende ao conhecer aquele que seria o grande amor de sua vida. Capitão de grande nau, Pedro era tudo que Samira sonhara.

Agora, ela terá que fazer uma difícil escolha...

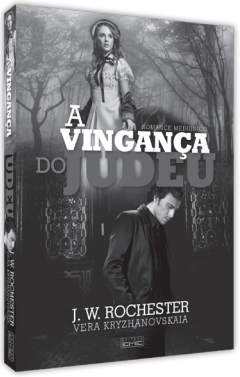


Getúlio Vargas em dois mundos

Wanda A. Canutti • Eça de Queirós (espírito)

Romance mediúnico • 16x22,5 cm • 344 pp.

Getúlio Vargas realmente suicidou-se? Como foi sua recepção no mundo espiritual? Qual o conteúdo da nova carta à nação, escrita após sua desencarnação? Saiba as respostas para estas e outras perguntas, agora em uma nova edição, com nova capa, novo formato e novo projeto gráfico.



A vingança do judeu

Vera Kryzhanovskaia • J. W. Rochester (espírito)
Romance mediúnico • 16x22,5 cm • 424 pp.

O clássico romance de Rochester agora pela EME, com nova tradução, retrata em cativante história de amor e ódio, os terríveis fatos causados pelos preconceitos de raça, classe social e fortuna e mostra ao leitor a influência benéfica exercida pelo espiritismo sobre a sociedade.

Não encontrando os livros da **EME** na livraria de sua preferência,
solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você através de
Fones: (19) 3491-7000 / 3491-5449
(claro) 9 9317-2800 (vivo) 9 9983-2575
E-mail: vendas@editoraeme.com.br – Site: www.editoraeme.com.br

Administrador de empresas, **MÁRIO SURIANI** é casado e pai de um casal de filhos.

Há mais de 40 anos conheceu o Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz, ao acompanhar seu irmão à procura de uma cura para sua sobrinha – à época com apenas alguns meses de vida. O irmão e a sobrinha seguiram a vida, mas Mário permaneceu na Casa, primeiro auxiliando na evangelização infantil; depois na atividade de passes e, então, na Mocidade Espírita daquela instituição. Trabalhou no atendimento fraterno e posteriormente na orientação aos espíritos e hoje trabalha na desobsessão.

Médium, seu primeiro romance foi *A escolha de Samira*, em parceria com Sóror Helena, um dos primeiros espíritos que Mário psicografou.



Esta é uma história contada em duas partes.

A primeira se passa no início do século 19, tempo de escravidão no Brasil. Época de muito sofrimento, muita revolta e muitos crimes, onde a maldade e a vaidade humana prevaleciam, independente da cor da pele.

Nesse cenário vamos conhecer Paulo, fazendeiro rico e poderoso que, tendo herdado a propriedade de seu pai, a Fazenda Pombal, deixa aos cuidados de Matias, um feitor desumano, a condução do destino de seus escravos.

Em meio a intrigas, traições e injustiças, vemos os personagens dessa trama se envolvendo cada vez mais em atitudes reprováveis e com isso semeando para o futuro uma nova encarnação de dor e reparação – que iremos conferir na segunda parte, quando Paulo renasce, então, na África, e, como menino negro de 13 anos, vem para o Brasil, sequestrado de seu país e vendido como escravo, indo trabalhar, justamente, em sua antiga fazenda...



ISBN 978-65-5543-087-5
9 786555 430875
www.editoraeme.com.br

/editoraeme @EditoraEme
@editoraeme editoraemeoficial

AMARGO REGRESSO